



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O “FESTIVAL DO INFERNO”: DESBUNDE E REPRESSÃO EM OURO PRETO NA DÉCADA DE 1970

Leon Frederico Kaminski*

Em 1964, o Brasil passou a viver sob um regime ditatorial, porém, existia no horizonte de expectativas da classe média intelectualizada¹, principalmente, a possibilidade não distante de um retorno à democracia no país, tendo em vista uma tradição de intervenções militares com seguida restituição do poder a representantes civis. Contudo, tal possibilidade sofreu duro golpe, em 1968, com a implementação do Ato Institucional nº 5, que cerceava ainda mais as liberdades civis, e com o recrudescimento da ditadura. Houve naquele ano, desta forma, uma ruptura nas expectativas da juventude politizada, que provocou uma ampliação das incertezas em relação ao futuro pessoal e do país, configurando-se três possíveis caminhos para contrapor-se à ordem estabelecida: o engajamento na guerrilha armada; resistência através das pequenas ações do cotidiano; ou o *desbunde*, a contracultura, uma via

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

¹ Empregamos aqui a categoria “classe média intelectualizada” utilizada por Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis, composta “estudantes politicamente ativos, professores universitários, profissionais liberais, artistas, jornalistas, publicitários etc”. Segundo os autores, esse seria o principal setor de oposição ao regime militar. ALMEIDA; WEIS, 1998, p.326.

alternativa não somente ao sistema capitalista, mas também à própria ortodoxia das esquerdas².

Os jovens que temos em foco neste texto são aqueles que seriam chamados, na época, de *desbundados*, os setores da juventude brasileira que incorporariam, de diferentes formas, os ideários e as práticas daquilo que foi denominado como *contracultura*. Para estes, as mudanças na esfera do comportamento, principalmente em relação à sexualidade e ao consumo de substâncias psicoativas, não seriam somente frutos da modernidade e da modernização do país, mas também formas de combate aos valores conservadores da sociedade, da qual faziam parte, ao sistema capitalista e ao regime militar. Além do âmbito comportamental – onde o erótico e as substâncias alteradoras de consciência possuíam uma produção filosófica que lhes davam um embasamento crítico –, o racionalismo, a tecnocracia, o consumismo e o autoritarismo (tanto de direita quanto de esquerda) eram alvos de contestação.

Nesse contexto, Ouro Preto foi, nos anos 1970, um dos centros de convergência do desbunde. Tal configuração deveu-se, principalmente, em decorrência da realização, nesta cidade, dos Festivais de Inverno, promovidos anualmente, entre 1967 e 1979, no mês de julho. O evento surgiu da iniciativa de professores da Escola de Belas Artes da UFMG e da Fundação de Educação Artística, ambas sediadas em Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, com o intuito de oferecer cursos de artes a estudantes e artistas durante as férias de julho. O Festival de Inverno veio a ser um dos maiores projetos de extensão universitária do país. Ele era, desta forma, um evento oficial, promovido por uma instituição federal e financiado, em sua maior parte, pelo governo. O evento chegaria a contar com mais de quinhentos alunos em alguns anos, com a mobilização de parte da classe artística, com muitos artistas de renome participando, e com a circulação de dezenas de milhares de pessoas na cidade (cerca de 200 mil a cada edição), principalmente nos fins de semana, durante a sua realização. A repercussão na imprensa regional e nacional era normalmente positiva, sendo que, não raro, definiam que Ouro Preto, naquele mês, tornava-se a “capital brasileira da cultura”.

A promoção cultural Festival de Inverno atraía milhares de pessoas, do país inteiro e também do exterior, que não estavam participando diretamente dele, mas

² NAPOLITANO, 2008.

vinham por causa do “clima” do Festival e como reflexo de sua repercussão na mídia. A exploração do turismo era um dos interesses iniciais que permitiram seu surgimento. Além de turistas que podemos chamar de comuns, o festival atraiu uma grande população de jovens *desbundados* de todos os tipos, desde os que iam à Ouro Preto só para “curtir” o fim de semana até os hippies que chegavam no começo de junho e iam embora no fim de agosto, que vendiam artesanato, acampavam nos adros das igrejas ou dormiam nos cemitérios e nas praças. Tal presença na cidade seria visto negativamente por uma parte da população local, principalmente pelos mais conservadores e que defendiam os valores da tradicional família mineira. Estes chamavam o evento de “festival do *inferno*” e faziam constantes críticas ao evento, pleiteando inclusive a seu fim. Assim, houve uma construção discursiva, por parte dos próprios organizadores, que tentava distanciar os problemas causados pela população flutuante e o evento. Desta forma foi trabalhada a ideia da separação do festival *em si*, composto pelos participantes oficiais (alunos, artistas e professores), e um festival *paralelo*, da qual faziam parte os *hippies* e os “falsos turistas”.

A maioria dos visitantes de julho podia até não participar diretamente do evento *em si*, fazendo cursos ou assistindo aos espetáculos, mas eram, com certeza, atraídos em parte pelo Festival de Inverno. Um dos objetivos do evento era exatamente o incremento do turismo cultural na cidade histórica. Nesse sentido específico, a meta foi alcançada com bastante sucesso. Os turistas, digamos comuns, vinham conhecer a cidade, consumiam, deixavam dinheiro nas lojas, hotéis e restaurantes, iam embora e, principalmente, não incomodavam.

Fora esse viés turístico mais comum, o Festival de Inverno possuía outros atrativos importantes para a nossa análise. Primeiro, o evento continha uma aura de resistência e de liberdade que atraía intelectuais, artistas e estudantes que se identificavam com esses preceitos. Segundo, a presença de inúmeros artistas e intelectuais e a vida noturna que surgia em Ouro Preto tornavam a cidade, durante o Festival, em num espaço de badalação social, o que atraía muitas pessoas que estavam mais interessadas nas festas que em outras questões. Essas tendências não são excludentes uma a outra, são até mesmo, em boa medida, convergentes.

A grande maioria deles não participava diretamente das atividades oficiais do Festival de Inverno, diríamos quase a totalidade, pois mesmo se quisessem não era possível. Os espetáculos eram realizados em espaços que não permitiam um grande público, mal comportavam os cursistas e os professores. Porém, mesmo não sendo oficialmente participantes (cursista ou professor) do evento, podemos dizer que eles eram parte integrante e importante do Festival. A movimentação paralela existia em razão do Festival e, inclusive, dava-lhe maior relevo e divulgação. Era algo meio circular, pois o oficial e o paralelo, apesar de todas tensões, retroalimentavam-se, comunicavam-se. O Festival funcionava como uma dinâmica “zona de contato”³, ao reunir num mesmo espaço artistas e público de diferentes estados, países, tornou-se um local de mediação e circulação cultural, contribuindo, inclusive, para o surgimento de propostas artísticas híbridas⁴. Contudo, essas relações nem sempre eram harmônicas, muito pelo contrário, esse espaço de contatos era recheada de tensões.

Durante o dia, os jovens que não eram cursistas passavam as horas em rodas de conversa e violão, trabalhavam com o artesanato, debatiam, aprendiam, dançavam, criavam, trocavam experiências, namoravam, viajavam... Ao mesmo tempo em que eles modificavam a paisagem da cidade, aproveitavam o período Festival para dar novos sentidos e novas funções àqueles espaços. Os locais públicos e os espaços sagrados tornavam-se ambientes de transgressão das normas e dos costumes. Paralelamente às atividades oficiais, existia em Ouro Preto uma programação noturna bastante movimentada durante o Festival de Inverno, principalmente nos primeiros anos, até o acirramento da repressão na cidade. Diversas boates abriam somente no mês de julho. Bares eram instalados em porões e em repúblicas estudantis. Segundo José Efigênio Pinto Coelho, morador de Ouro Preto que costumava participar do evento e que veio a ser artista e escritor,

A noite começava às cinco da tarde e ia até o amanhecer. Começava-se com uma via-sacra de bar em bar, de boite em boite. Em cada canto de esquina uma porta aberta: o Chico Boite, Batida do Gogó, Boite Pilão, CAEM, CAEF, sem esquecer o XPTO do saudoso Chicão onde todos os “loucos” se encontravam obrigatoriamente (...).

³CLIFFORD, 1999. BENDRUPS, 2008.

⁴GARCÍA CANCLINI, 2006.

A rua São José ficava repleta de uma multidão “achada” (em vez de perdida) cantando mil violões. O povo subindo e descendo a rua Direita, onde se localizava o restaurante Calabouço inovando e aproveitando os porões ouro-pretanos onde mulheres maravilhosas faziam das noites um inferno que não deixava nada a desejar a Paris⁵.

O Festival de Inverno, desta forma, não era somente os cursos e os espetáculos, configurava-se também uma grande festa que durava praticamente um mês. Uma festa, como foi ressaltada pelo crítico teatral Yan Michalski, sem o sentido de lazer, mas de “um tempo diferente, mais pleno e livre do que o tempo da rotina diária”, do qual cada minuto deveria ser “aproveitado até a última gota”⁶. Não era somente um tempo diferente, mas também um espaço diferente. Os organizadores do Festival de Inverno, em função do poder institucional da UFMG e de outros apoios importantes, havia conseguido tornar Ouro Preto, durante o evento, num espaço de relativa liberdade e comunhão com a arte. Criaram estratégias que possibilitavam a continuidade do evento, eram financiados por órgãos públicos que tinham interesse em vincular seu nome ao sucesso da atividade.

Num primeiro momento, a cada ano, o Festival de Inverno negociava uma apropriação dos espaços da cidade, os laboratórios da escola de farmácia, as praças, as ruas, as igrejas, boa parte da cidade tornava-se uma enorme sala de aula, um grande atelier. No momento seguinte, há por parte da juventude, hippie ou não, uma nova reapropriação não só do espaço da cidade, mas também do Festival. O território de Ouro Preto e do Festival de Inverno eram ressignificados pela juventude, que, em sintonia com preceitos da chamada revolução dos costumes, aproveitavam-se do momento gerado pela realização do Festival na cidade para se apropriar dos espaços e dar-lhes novas significações, para transgredir as normas e a moral.⁷

Um desses espaços era o bar, que, segundo Renato Franco, é “o local da boêmia, que é, a um só tempo, refúgio (in)seguro e local de oposição, fato bastante significativo, visto que tal espaço não é propriamente o da ação, mas da tagarelice”⁸.

⁵ DAC-UFMG, FI, Caixa 1994. COELHO, José Efigênio Pinto. O Festival de Inverno foi um sonho!. *O Liberal*, Ouro Preto, s/d.

⁶ DAC-UFMG, FI, Cx.1972, MICHALSKI, Yan. Ouro Preto: ritual da integração. *Jornal do Brasil*.

⁷ CERTEAU, 1998.

⁸ FRANCO, 2003, p.355.

Mas, sobretudo, é um local não formal de debate e discussão. Espaço de encontros e de trocas.

“Cinco mil litros de batidas, quase mil garrafas de uísque, sem contar outras bebidas, foram consumidas durante o Festival de Inverno de Ouro Preto”, divulgava um jornal em 1970⁹. Mas para muitos, a noite não acontecia nas boates (ou somente nelas), nem sempre acessíveis financeiramente. Pelas ruas e principalmente na praça Tiradentes eram realizadas serestas, não somente pelos jovens, mas também participavam os boêmios da região: “Na praça Tiradentes, o grupo se espalha ao pé da estátua de Tiradentes, o velho Chico Fióte no meio, com seu violão de doze cordas. Dos bares, mais gente aparece, mais garrafas são compradas, batidas são passadas entre a turma.”¹⁰. Noite adentro, principalmente nos finais de semana, seguiam as cantorias pelas ruas até o amanhecer, com muita bebida para enganar o frio.

Nesse clima de festa, muitos casais se formavam. Havia pessoas de diferentes lugares, brasileiros e estrangeiros. A maioria logo iria embora. Além da atração natural, esse tipo de evento proporciona uma aceleração nas relações afetivas. Estava-se longe de casa, o que para muitos significava estar livre da repressão familiar, e, além de tudo, vivia-se a efervescência da liberação sexual, da revolução dos costumes. Desta forma, formavam-se muitos pares, com demonstrações públicas de afeto. O que para nós, hoje, seria muito normal, era motivo de escândalo. É por meio das falas conservadoras nos jornais que podemos ter uma noção de como boa parte da sociedade via essas transformações.

O que vem acontecendo e aumentando todos os anos é os rapazes e moças daqui [Belo Horizonte] e de fora, pensarem que durante esse tempo a cidade está entregue a eles e que cabe a eles ditar as normas de moral e procedimento. Cada um dos rapazes e moças que lá vão, para estudar ou simplesmente aproveitar o fim de semana, sozinhos, reprovavam o procedimento de todos reunidos. O que acontece lá é apenas um fenômeno da força pelo número: como são maioria, não respeitam nada, nem ninguém.

Mande uma moça daquelas sentar-se calmamente aos beijos com o namorado, em plena Praça Sete daqui. Ela não iria. Mas faz o mesmo em Ouro Preto, na praça principal da cidade porque está cercada de outras moças que fazem igual, para não dizer pior.¹¹

⁹ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970, [Milhares de batidas depois, termina o IV Festival de Inverno].

¹⁰ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970/1, pasta 1.5, CARNEIRO, Plínio. A noite das serenatas.

¹¹ DAC-UFMG, FI, Caixa 1969, MARINA, Ana. O Festival de Ouro Preto.

Como tema constante da juventude, tabu a ser quebrado e atitude a ser afirmada, o sexo, nesse contexto, fazia-se presente nos Festivais de Inverno entre participantes, visitantes e moradores. Claro, nem todos se sentiam à vontade. Um dos cursistas, ao avaliar o evento, criticou o que ele chamou de “falsa liberdade sexual”: “a imprensa, os alunos e os próprios professores estão deturpando o objetivo do Festival deixando-se envolver pela noite com suas boites e a liberdade sexual ali existente. A turma se desgasta e conseqüentemente cai o nível dos cursos”¹². Essa liberdade sexual, falsa ou não, podia até não existir completamente, mas era ao menos buscada por uma parcela dos participantes do evento.

Com hotéis e repúblicas superlotadas, nem sempre era possível dispor de um local mais privado para por em prática essa liberdade sexual, o que acarretava, vez ou outra, que alguns casais decidiam realizar exercícios ainda mais radicais de liberdade, praticando sexo em locais públicos como becos e até mesmo próximo às igrejas. Em 1970, um jornal de Belo Horizonte publicava o seguinte comentário: “infelizmente, uma meia dúzia de 'hippies' de araque quer enfrentar o frio de Ouro Preto com as brasas do sexo, despudorado às vezes, em plena via pública”¹³. Devido às práticas críticas aos costumes tradicionais, uma parcela da população de Ouro Preto passaria a ver negativamente o evento, chamando-o de “Festival do *Inferno*”.

As jovens ouro-pretanas também queriam participar do movimento: “as mocinhas se assanham, vestem suas melhores roupas e vão para a Praça, ver as caras novas que mudam a paisagem de sua vida calma e monótona”¹⁴. Uma das reações das famílias da cidade era a de proteger as suas filhas. Algumas, mais ortodoxas, mandavam as filhas passear fora da cidade durante o mês¹⁵, as com menos recursos trancavam as filhas dentro de casa, “pois os hippies que vêm ao festival, fazem uso de drogas e

¹² DAC-UFMG, FI, Caixa 1970/1, pasta 1.6, [4º Festival de Inverno: questionário de avaliação].

¹³ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970, RASO, Afonso. Esquina dos Aflitos.

¹⁴ DAC-UFMG, FI, Caixa 1972, MEDEIROS, Mariângela. Ouro Preto e seu clima de Festival. *Estado de Minas*.

¹⁵ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970, [Estranhos visitantes na paz de Ouro Preto]. DAC-UFMG, FI, Caixa 1975/5, TORRES, Maurílio. Festival de Ouro Preto acaba hoje com jeito de fim de festa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1975.

gostam de convidar as moças para as festas deles”¹⁶. Contudo, muitas dessas moças sentiam-se contrariadas. Em 1974, uma delas, Silvianinha, enviou uma carta para uma coluna do *Estado de Minas*, reclamando da proibição imposta pelos pais: “O barato do festival, as rodinhas, o bate-papo, as noites alegres, os cursos, tudo isso não posso ver. De nada participo porque meus pais não deixam. Já tenho 16 anos...”¹⁷.

A má impressão dos moradores de Ouro Preto era ampliada devido à contínua ocupação dos espaços da cidade pelos visitantes. A estrutura turística do município não suportava a permanência de um volume tão grande de população flutuante. A estrutura hoteleira sempre fora um problema crônico para a organização do Festival de Inverno, não havia lugares suficientes para todos os visitantes e nem mesmo a oferta de acomodações nas repúblicas estudantis supria a demanda. Desta forma, ao findar a noite, por falta de hospedagem ou de dinheiro, jovens dormiam nos adros das igrejas, nas calçadas, nas praças e, até mesmo, nos cemitérios.

Em tempos de desbunde, Ouro Preto durante o Festival de Inverno tornava-se um ponto de convergência de jovens, artistas, intelectuais, artesãos, viajantes e hippies. Como diria um jornal da época, o Festival era um gigantesco imã que atraía toda a “hipolândia nacional”¹⁸. A revista *Veja* anunciava que a Meca dos hippies não era mais a Bahia, mas Ouro Preto¹⁹. Mais do que substituir um local ou outro, Ouro Preto tornava-se um dos pontos integrante de uma territorialidade mais ampla, por onde os viajantes, os hippies, artistas e desbundados transitavam. Era uma rede não sistematizada de festivais, festas, praias, recantos paradisíacos, comunidades alternativas, feiras de arte e artesanato pelas quais as pessoas e as informações circulavam, haviam encontros e desencontros. A mídia tinha uma importância na divulgação do Festival, mas o “boca a boca” dava repercussão, pois além de saber do evento, as pessoas que já haviam estado no Festival davam dicas de onde ficar, que cuidados ter, o melhor local para pegar carona, quem procurar.

¹⁶ DAC-UFMG, FI, Caixa 1975/5, LINS, Zulmira. Ouro Preto e um Festival em marcha. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jul. 1975.

¹⁷ DAC-UFMG, FI, Caixa 1974/6, Seu lar e você. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jul. 1974.

¹⁸ DAC-UFMG, FI, Caixa 1974/6, Onda de hippies em Ouro Preto. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 04 jul. 1974.

¹⁹ Cidade dos Jovens. *Veja*, São Paulo, n.203, p.61.

Muitos chegavam um mês antes²⁰, outros iam embora um mês depois²¹. Quando não tinham a casa ou república de algum amigo ou conhecido para ficar, ou faltava-lhes dinheiro, o que era o mais comum, para hospedar-se em algum hotel, partia-se para outras soluções, condizentes com as críticas ao sistema. Muitos preferiam essas outras opções. Não podemos esquecer que partir para a vida na estrada, normalmente, significava prover seu próprio sustento. Nesse sentido, haviam diferentes tendências: uma parcela buscava o autossustento por meio do trabalho artesanal ou artístico, enquanto outra parcela, preferia sobreviver como pedinte. Essas duas tendências não eram excludentes uma a outra. De qualquer forma, o dinheiro era pouco. Assim, eram utilizadas algumas táticas para manterem-se na cidade. Acampar era uma delas, e a mais comum. Mas também se ocupavam casas vazias, para servir de abrigo²², ou ainda, alugavam-se residências e saíam sem pagar²³.

Um espaço bastante utilizado pelos hippies para montar acampamento foi a lagoa do Gambá, perto da antiga Escola Técnica. Não era na região central, mas tinha a vantagem de ter mais espaço e tranquilidade, a presença policial não era tão constante. Era para onde, inclusive, a polícia, em certos momentos, encaminhava parte dos jovens que não tinham lugar para dormir. Para os responsáveis pela ordem, era mais interessante tê-los reunidos num acampamento mais afastado que espalhados pelo centro da cidade. Entretanto, os acampados apropriavam-se do local como um espaço de maior liberdade. Numa matéria mais sensacionalista, um periódico fala sobre o acampamento e a “invasão dos sujos”, referindo-se aos jovens. Nela podemos ver um pouco dessa apropriação do espaço, o imaginário conservador e a ação da polícia.

Por causa da reação dos seus habitantes contra o que chamaram certa vez de “invasão dos sujos”, a polícia de Ouro Preto resolveu dispensar um tratamento todo especial aos hippies, reservando-lhes, prévia e estrategicamente situado, para levantarem suas barracas: a Lagoa do Gambá, perto da cidade.

²⁰ DAC-UFMG, FI, Caixa 1974/6, Reserve logo casa e comida para o Festival de Inverno. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 04 jun.1974.

²¹ Entrevista com Joana da Costa Torres e Geralda Torres Gomes, em 20 de julho de 2011, cedida a Leon Kaminski e Henrique Manoel de Oliveira.

²² DAC-UFMG, FI, Caixa 1975/5, LINS, Zulmira. Ouro Preto e um Festival em marcha. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jul. 1975.

²³ Entrevista com Joana da Costa Torres e Geralda Torres Gomes, em 20 de julho de 2011, cedida a Leon Kaminski e Henrique Manoel de Oliveira.

Ali eles ficaram confinados, no que parecia ser a experiência de uma vida tribal. O local, bucólico, deu aos indesejáveis rapazes e moças de roupas berrantes a impressão de que ali encontrariam o sossego que a velha Ouro Preto lhes negava. Durou pouco o paraíso. Logo a polícia descobriu que a vida tribal era levada muito a sério, com rapazes e moças banhando-se nus nas águas frias da Lagoa – “logo eles, que não gostam de asseio”, comentaria um inconsolável filho da terra. Foi o suficiente, mais uma vez, para o local ser desocupado.²⁴

Mas, uma das razões de tentar delimitar um lugar para acampamentos, era porque costumavam ser utilizados espaços que deixavam irritados alguns setores da sociedade. Barracas e sacos de dormir podiam ser vistos, enquanto foi permitido, nos adros das igrejas. Os cemitérios, ao lado de alguns templos, também se transformavam em locais de pernoite. Comum nos primeiros anos do Festival, a polícia passa a coibir a permanência noturna de pessoas nos adros das igrejas, a partir de pedidos das autoridades eclesiásticas. Segundo o delegado Weber Americano, “houve muito abuso quanto ao procedimento nos lugares sagrados históricos”, “não podemos mais consentir tais tipos de concentração. Além de tudo verificavam-se muitos furtos e atentados à arte, além do desrespeito à moral”²⁵.

Atentos ao caráter subversivo das propostas de mudanças comportamentais, os órgãos de repressão não demoraram em coibir certas manifestações. Diferente da esquerda, que via a contracultura e o hippismo como algo alienado, despolitizado e individualista, a direita católica e a repressão compreenderiam seu caráter político e revolucionário, embora esta compreensão passasse pelo filtro do imaginário anticomunista, levando-os a acreditar que a contracultura era uma arma revolucionária criada pelos russos. Esta interpretação não era predominante no interior da direita e dos órgãos de repressão, mas era suficiente para serem estruturadas ações diretas de repressão aos hippies e às drogas. Em Minas Gerais, esse processo originou a criação, no DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social), de um setor específico responsável pela repressão aos tóxicos: a “Brigada do Vício”, cujas ações de maior repercussão

²⁴ DAC-UFMG, FI, Caixa 1973, [O outro lado do Festival de Inverno].

²⁵ DAC-UFMG, FI, Caixa 1974/6, Cultura, frio e juventude: Ouro Preto já é Festival. *Estado de Minas*, 02 jul.1974.

foram as prisões dos membros do grupo Living Theatre, em Ouro Preto, e dos atores da peça *Hair*, em Belo Horizonte, ambas em 1971²⁶.

A Brigada do Vício seria presença constante em Ouro Preto durante os Festivais de Inverno. Já no seu primeiro ano de existência, em 1970, a Brigada do Vício realizou uma ação em Ouro Preto que ganhou bastante repercussão na mídia, imprimindo uma visão negativa (ou positiva, dependendo do ponto de vista) do Festival de Inverno. Foi o caso que ficou conhecido como “festival do embalo” ou “festa da bolinha”. A ação da Brigada do Vício no Festival tinha como objetivo um amplo combate ao consumo e ao tráfico de entorpecentes, principalmente a maconha e a chamada “bolinha”, medicamentos psicotrópicos que eram comercializados no mercado negro.

A Brigada do Vício, inclusive, era nova e não se utilizava dos métodos, até então, comuns no combate ao consumo e à venda de drogas. Além de um treinamento específico sobre os entorpecentes, seus agentes eram integrantes do DOPS, a polícia política, agiam de forma diferente dos agentes comuns, inclusive com policiais infiltrados entre os jovens como espiões. A repressão era muito mais forte e eficaz. Os agentes, “disfarçados de estudantes, muitos até cabeludos, parecendo artistas”, espalharam-se pela multidão da noite, pelos bares e boates. Pessoas foram presas na rua, em batidas nos bares e “inferninhos”. Mas o que causou maior repercussão foi uma batida numa boate em que acontecia uma festa que foi batizada pela imprensa de “festa da bolinha” ou “festival do embalo”. Nela foram detidas uma grande quantidade de pessoas, inclusive, ressaltava a imprensa, médicos, advogados²⁷, e “filhos de personalidades conhecidas no mundo econômico e político de Minas”²⁸, cujos nomes não foram revelados.

A repercussão na mídia nacional foi grande. Seu ponto máximo foi quando o comentarista Heron Domingues, na TV Tupi, do Rio, recomendava às mães “que prezassem a virtude e a felicidade de suas filhas não deviam deixá-las ir à Ouro

²⁶ Sucesso a meia luz. *Veja*. São Paulo, n.157, 08 set. 1971, p.26.

²⁷ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970, Brigada do Vício acaba com Festival das Bolinhas em Ouro Preto. *Diário de Minas*.

²⁸ DAC-UFMG, FI, Caixa 1970, Muitos presos no Festival de Inverno em Ouro Preto. *Folha da Tarde*.

Preto”²⁹, durante o Festival de Inverno. A partir principalmente desse incidente, a organização do evento fortalece um discurso de separação entre o festival oficial e o festival paralelo como forma de diminuir o impacto da repercussão negativa, isentar-se dos problemas referentes aos acontecimentos paralelos e possibilitar a sua continuidade.

Em 1971, o ano das ações mais violentas, quando, inclusive, soldados da Polícia Militar passaram a invadir os bares e expulsar os clientes com o uso de gás lacrimogênio³⁰, foi preso o grupo teatral de vanguarda Living Theatre, um dos pioneiros do teatro off-Broadway, no dia da abertura do Festival de Inverno. O caso provocou uma campanha internacional, entre a classe artística, pela sua libertação, o que acarretou aos seus integrantes a expulsão do país.³¹

Durante o Festival de Inverno, a secretaria estadual de Segurança montava um aparato especial para fazer a cobertura do evento. Eram, normalmente, mobilizados e deslocados para Ouro Preto, a Polícia Militar (9º Batalhão de Barbacena), a Brigada do Vício, e as delegacias de Vadiagem, Furtos e de Ordem Econômica. Segundo o cel. Oswaldo Martins, diretor de operações, o policiamento seria rigoroso contra os tóxicos e o “comportamento indesejado dos hippies”, buscando “evitar atentados aos costumes, evitando escândalos e invasões”³². A repressão começava antes mesmo de chegar em Ouro Preto, na estrada, onde a Polícia Militar realizava barreiras³³, que visavam selecionar as pessoas que se dirigiam à cidade: “muitas delas, que iam com suas mochilas, pegando caronas, dentro da filosofia 'hippie' foram obrigadas a voltar”³⁴.

Se a impressão era de que havia mais policiais nas ruas que paralelepípedos³⁵ e com um bem estruturado esquema de espionagem, não seria difícil realizar prisões.

²⁹ DAC-UFMG, FI, Caixa 1975/5, TORRES, Maurílio. Festival de Ouro Preto acaba hoje com jeito de fim de festa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1975.

³⁰ DAC-UFMG, FI, Caixa 1971, [Polícia de Ouro Preto expulsa turistas de bares com gás lacrimogêneo].

³¹ MALINA, 2008.

³² DAC-UFMG, FI, Caixa 1972, PM, DOPS e mais quatro delegacias vão vigiar Inverno em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, jul. 1970.

³³ Idem.

³⁴ DAC-UFMG, FI, Caixa 1974/6, Diretor está falando do festival de Ouro Preto. *Tribuna da Imprensa*, Salvador, 26 jan. 1974.

³⁵ DAC-UFMG, FI, Caixa 1972, Tempo de Festival, tempo de curtição, participe. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 10 jul. 1972.

Segundo as estatísticas divulgadas pelo delegado Weber Americano, o número de prisões envolvendo entorpecentes, durante o Festival, foi diminuindo de ano para ano. Em 1972, teriam sido presas 630 pessoas; em 1973, 370 presos; em 1974, 250 presos; e, em 1975, 60 presos³⁶. Não podemos deixar de ver que esses são números divulgados pela própria polícia, oficiais, o que pode indicar que a quantidade de presos, sem registros, pode ter sido ainda maior. Como o número de detidos era muito grande, a polícia, na maioria dos casos, utilizava-se do “método clássico”: colocava o preso na estrada, indicava-lhe o caminho de casa e mandava-o andar, sem olhar para trás³⁷. Outros eram levados para o DOPS em Belo Horizonte.³⁸

O clima repressivo não se extinguiu, mas provocou uma diminuição do número de visitantes noturnos nos anos seguintes. Muitos passaram a evitar a cidade. Mesmo assim, Ouro Preto, durante o Festival de Inverno continuou, até 1979, como um destino privilegiado de hippies e viajantes. Em seus últimos anos em Ouro Preto, já no processo de abertura política, o Festival de Inverno continuava atraindo um público *underground*, mas seu volume, assim como a repressão, havia diminuído. Em 1980, devido a uma conjuntura específica concernente às políticas culturais promovidas pelo governo federal, o Festival de Inverno não pode ser realizado por falta de recursos financeiros. No ano seguinte, a UFMG decidiria pela continuidade do evento em outra cidade histórica mineira, Diamantina, dando fim à fase ouro-pretana da história do Festival de Inverno, que é ainda hoje realizado. Embora esquecido pela historiografia, o Festival de Inverno deixou grandes marcas na cultura brasileira (grupos como o Corpo, Galpão, Giramundo e Uakti tem parte de suas gêneses ligadas ao evento) e na memória de milhares de jovens e artistas que passaram por Ouro Preto naqueles invernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ,

³⁶ DAC-UFMG, FI, Caixa 1975/5, Balanço completo do Festival de Inverno. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul.1975.

³⁷ DAC-UFMG, FI, Caixa 1973, [O outro lado do Festival de Inverno].

³⁸ MALINA, 2008.

Lilia Moritz (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4. p.319-409.

BENDRUPS, Dan. Pacific festivals as dynamic contact zones: the case of Tapati Rapa Nui. In: *Shima: the international journal of research into island cultures*. v.2, n.1, p.14-28, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p.351-369.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.

MALINA, Judith. *Diário de Judith Malina: o Living Theatre em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2008.